

Da singularidade açoriana: entrevista a Pedro Almeida Maia

Susana L. M. Antunes*

A importância do estudo da consciência para a evolução biológica e sociocultural da humanidade tem-se revelado de suma importância para melhor compreendermos o mundo em que nos inserimos, as interações que desenvolvemos, assim como a atribuição de significado das experiências individuais, coletivas e dos objetos que nos rodeiam. Nesta rede de malhas intrincadas, os desafios e as abordagens multiplicam-se e objetivam respostas para as questões da mente, do corpo e da consciência. Entre outros aspetos, destaca-se a estreita correlação daquelas questões com a paisagem e o meio sociocultural que neste itinerário definem e modelam comportamentos da consciência fecundados nos conceitos de *arquipélago*, *ilha*, *ilhéu* e *insularidade*, compreendidos como microcosmos e microlugares que nos desenvolvem, também, consciências intranquilas.

Em contexto de desassossego da consciência e de intranquilidade, marcamos encontro com o arquipélago dos Açores, o qual se constitui como o arquétipo de nove micro lugares, flutuando em pleno Oceano Atlântico. Nesta fragmentação territorial, assentam dimensões reduzidas de espaços rodeados por água, refletindo-se numa geografia particular, a qual gera um forte sentimento de ligação com o lugar, mas também o desejo marcante de ir além-mar. Embarcado no duplo conflito entre a imposição de ficar e o desejo de partir, as palavras de Vitorino

¹ University of Wisconsin-Milwaukee, Professora Associada de Português nas áreas da língua, literatura e cultura do mundo lusófono. Coordenadora do Program de Português. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2681-2173>.

Nemésio² (1901-1978) esclarecem a condição de ilhéu: “Sou ilhéu; e, tanto ou mais do que a ilha, o ilhéu define-se por um rodeio de mar por todos os lados. Vivemos de peixe, da hora da maré e a ver navios...”³

Vitorino Nemésio, focando a importância da paisagem na arquitetura do ser humano, apresentou há 90 anos, ou seja, em 1932, o conceito de *açorianidade*, ressaltando a importância da geografia sobre a história no cerne do modo de ser açoriano:

[...] A geografia, para nós, vale outro tanto como a história e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar. Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água.⁴

Por outro lado, e como acima referido, a condição de ilhéu também denota na consciência o forte desejo de ir além-mar, de ultrapassar a barreira imposta pelo mar para o encontro com outras terras, outras formas de vida, outras experiências que conduzem a outro conhecimento do *self*, do *outro* e do mundo. Nesse contexto de isolamento imposto pelo mar, Raúl Brandão (1867-1930) afirmou em *As ilhas desconhecidas*, livro publicado pela primeira vez em 1926, que “[...] o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente [...]”⁵, revelando a

2 Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva (1901-1978), natural da ilha Terceira-Açores, foi ficcionista, poeta, cronista, ensaísta, biógrafo, historiador da literatura e da cultura, jornalista, investigador, epistológrafo, filólogo e comunicador televisivo, para além de toda a atividade de docência da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e de membro da Academia de Ciências de Lisboa. De entre as suas obras, destaca-se *Mau tempo no canal*, romance publicado em 1944.

3 *Corsário das ilhas*. Obras Completas. Vol. XVI. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.

4 “Açorianidade”. *Insula*. Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, n. 7-8 Ponta Delgada, jul./ago. 1932, p. 59.

5 Projecto Verical, 2002, p. 41. Disponível em: <http://www.ipn.pt/literatura>.

necessidade do encontro com o *outro* que, no caso do açoriano, se materializa na possibilidade de vislumbrar, de quando em vez, a ilha em frente para uma tentativa de completude de si próprio. Se este sentimento se consciencializar em movimentos centrípetos, existe o risco duplo do ilhéu se encerrar sobre si mesmo e, conseqüentemente, edificar relações seladas por vínculos também eles centrípetos de isolamento.

Logo, solidificando ainda o desejo de partir, edifica-se a consciência da importância da viagem física e espiritual que surge como *leitmotiv* estruturante do imaginário, constituindo-se como um dos temas com maior impacto no mundo, imortalizando a memória das grandes viagens que acompanharam a errância e todos os feitos da humanidade desde o princípio dos tempos. Sejam as deslocções dos povos primitivos e dos nómadas, sejam as viagens míticas e heroicas descritas nas epopeias, passando pela viagem bíblica ou ainda pelas viagens de peregrinações, descobertas e viagens científicas, o ato de sair sempre foi determinante para conquistar e consolidar a vida física e espiritual que o homem, conscientemente, sempre desejou. Neste sentido, a experiência da viagem, inseparável do percurso errático da humanidade, proporciona diversas modalidades de movimentos. Seja como necessidade, aventura ou evasão, fuga ou procura de melhores condições de vida, seja por imposição, a experiência itinerante apreendida como busca de um lugar alternativo ao de origem implica, sobretudo, uma travessia interior através da qual inevitavelmente se produz a transformação do sujeito que, vivendo novas experiências, encontrará o lugar do *self* e sobre ele refletirá.⁶

⁶ ANTUNES, Susana L. M. *De errâncias e viagens poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles*. Porto: Edições Afrontamento, 2020, p. 21-54.

Nesse contexto de instabilidade física que o lugar-ilha proporciona, a instabilidade psíquica é um fator que acresce a complexidade do *self*-ilha. Ainda que segundo as palavras de John Donne (1572-1631) “nenhum homem é uma ilha”⁷ (Meditações – XVII, 1623), as ilhas de vozes⁸ que se tentam levantar atestam que cada um de nós representa uma ilha cada vez mais isolada e cada vez mais a necessitar de uma voz.

Assim, congregando todas estas questões em torno da simbologia inerente à ideia de *ilha* e, conseqüentemente, à noção de alma e consciência de ilha, falemos de Pedro Almeida Maia. Açoriano, psicólogo organizacional e escritor, nasceu na cidade de Ponta Delgada, São Miguel-Açores a 29 de junho de 1979 e cresceu na Canada dos Ingleses, freguesia de São José, Ponta Delgada. Frequentou escolas locais e a Universidade dos Açores, onde se licenciou em Psicologia. Concluiu o Mestrado Europeu em Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos nas universidades de Coimbra e de Barcelona, trabalhou na Irlanda e regressou à ilha de São Miguel em 2017. Entre a família, a profissão e a escrita, Pedro Almeida Maia tem-se revelado um escritor que, ao longo de dez anos de vida literária, tem desafiado, surpreendido e conquistado os leitores.

Escritor prolífico, amante das artes e das ilhas, a escrita de Pedro Almeida Maia concentra, em perfeita simbiose, criatividade e investigação, direcionando a sua sensibilidade para questões atuais e pertinentes relacionadas com a sua área profissional. No presente ano (2022) em que celebra dez anos de vida literária, Pedro Almeida Maia também é detentor de uma fortuna crítica que assegura a sua qualidade como autor singular

7 DONNE, John. *The Works of John Donne*. Henry Alford (Ed.). Vol III. London: John W. Parker, 1839. 575. Disponível em <https://www.luminarium.org/sevenlit/donne/meditation17.php>.

8 ANTUNES, Susana L. M. (org.). *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados*. 1.ed. V.1. Massachusetts: Quod Manet, 2021.

da nova geração de escritores açorianos, mantendo em aberto um diálogo com os tempos e com os lugares que emergem à superfície da sua memória, deixando transparecer as marcas da sua identidade através do (re)encontro com tempos e espaços percorridos também pela consciência.

Pedro Almeida Maia fala-nos da vida, da alma e da(s) consciência(s); de venturas e desventuras, de encontros e desencontros, de partidas e de chegadas, de experiências que retratam o quotidiano ancorado a possíveis existências. No seu caso particular, uma existência também marcada pelo desejo de sair para poder voltar, como forma de abertura para o mundo.

A entrevista a seguir revela a singular universalidade de Pedro Almeida Maia.

Entrevista

Susana L. M. Antunes: No ano em que comemora dez anos de escrita, gostaria de começar esta entrevista pedindo-lhe para falar da sua trajetória como escritor.

Pedro Almeida Maia: Na verdade, comemoro uma década de livros, porque tanto a escrita como a busca do ato criativo acontecem muito antes desse trabalho de estreia, o romance *Bom tempo no canal: a conspiração da energia*, publicado em 2012. Sobre o tempo que o antecede, devo à professora do ensino básico, Maria João, o incentivo para a produção das primeiras composições (foi também ela que insistiu em chamar-me de «Almeida Maia», alegando que soava melhor). Entretanto, a minha mãe abastecia as estantes com livros de banda desenhada e com as coleções do Lucky Luke e de *Uma Aventura*. Mais

tarde, no começo da adolescência, desenvolvi interesse pela música: além do solfejo, que se aprende no ensino regular, frequentei aulas de guitarra clássica, juntei-me aos tocadores do grupo folclórico “Ilha Verde”, escrevi poesia e compus. Aos 17 anos de idade, participei num programa europeu de criatividade com um tema e videoclipe gravados em estúdio, aprendi outros instrumentos e contribuí para a formação dos “Corsários”, uma banda de originais em português que deu o seu último espetáculo em 2005. Escrevia e compunha alguns dos temas, atividade que prossegui e que mantenho, embora com menor expressão nos dias de hoje (cheguei a ter estúdio próprio de gravação, onde fiz a produção de vários projetos). Durante o ensino secundário, tive a sorte de conhecer outros professores que incitaram os hábitos de leitura, ao que a minha mãe correspondia trazendo mais e mais livros.

Susana L. M. Antunes: Refere, em particular, a importância da música que, de mãos dadas com a escrita, abraçou o seu percurso como escritor. Que importância atribui à interseção das artes no seu processo criativo?

Pedro Almeida Maia: Para mim, um dos maiores prazeres está no ato de criar, qualquer que seja a forma. A música permitiu-me explorar essa possibilidade ao lado de outras pessoas e abriu caminho para a escrita propriamente dita, uma atividade mais solitária, sim, mas mantive-me sempre rodeado de muita gente e com o mesmo foco: o de inovar. Implica absorver outros pontos de vista, outras manifestações de arte e assim produzir algum tipo de disrupção. Além da poesia para música, já escrevi, por exemplo, contos para catálogos e exposições museológicas,

outra forma de interseção artística, mas sobretudo reflito sobre o processo criativo, visto como um todo, agregando uma perspectiva interseccional, multidisciplinar e multiparticipativa.

Susana L. M. Antunes: Em 2010, escreveu a sua primeira ficção, um romance policial sobre a energia geotérmica com o qual conquistou o Prémio Literário Letras em Movimento. Dois anos mais tarde, o romance foi publicado pela editora Letras Lavadas com o título *Bom tempo no canal: a conspiração da energia*. Porquê um romance policial?

Pedro Almeida Maia: Na juventude, um dos autores que mais lia era Rex Stout, graças à Coleção Vampiro. Fiquei refém do “trio de objetos contundentes” (*Trio for Blunt Instruments*) e daquele estilo enigmático, somando-se a isso, depois, leituras de Herbert George Wells e de Ernest Hemingway. Estas incursões motivaram-me a redigir policiais com apontamentos de ficção científica: todos inacabados até então. Quando soube do Concurso Literário Letras em Movimento, senti que seria uma oportunidade para começar e acabar um texto naquele registo mesclado. Felizmente, o texto foi o vencedor, feito que se tornou numa das alavancas para continuar a escrever e a publicar.

Susana L. M. Antunes: Em *Bom tempo no canal: a conspiração da energia* é nítida a intertextualidade com a obra *Mau tempo no canal*, de Vitorino Nemésio (1901-1978), romance escrito em 1944. De que forma acontece essa intertextualidade ao longo do seu romance policial pressentida no título?

Pedro Almeida Maia: Devo admitir que os títulos são partos difíceis para mim. O contexto inicial da minha história é

um futuro hipotético em que a energia geotérmica está a chegar à ilha do Pico. Portanto, geograficamente muito próximo do famoso Canal, entre as ilhas do Pico e do Faial, mas muito distante em termos de construção literária. Coloquei as personagens a usar a senha e contrassenha «há bom tempo no canal?», numa tentativa de homenagear o trabalho de Nemésio, cujo título continua a fascinar a minha imaginação. A intenção era genuína, mas imatura. Hoje concluo que deveria ter utilizado outro título.

Susana L. M. Antunes: Ainda sobre *Bom tempo no canal: a conspiração da energia*, perscruta-se a ligação a uma questão açoriana que é a energia geotérmica. Em que medida os Açores estão presentes nas suas obras?

Pedro Almeida Maia: A energia geotérmica esteve no centro do primeiro romance da mesma forma que outros aspetos científicos estão presentes nos restantes livros. Devido ao meu percurso académico, mais ligado às ciências do que às letras, fascina-me todo o processo de investigação sobre o qual pode assentar a ficção. E os Açores são, por sua vez, o foco geográfico mais comum, constituindo assim uma presença inequívoca, tanto explícita como implícita.

Susana L. M. Antunes: Aspetos científicos tais como?

Pedro Almeida Maia: Escrevo ficção com base em ciência, sempre que possível confirmando a veracidade de acontecimentos anteriores ou mesmo fundamentando com pesquisa nas áreas respectivas. Por exemplo, em *A viagem de Juno* (2019), afirmo que algumas espécies animais poderão estar extintas em 2049, com base em artigos da especialidade.

Susana L. M. Antunes: Os Açores têm sido uma presença constante, permanente ou esporádica?

Pedro Almeida Maia: Os Açores são uma presença quase constante e que influencia o que escrevo, algumas vezes mais do que outras. Pode ser a paisagem exuberante, o conceito de ilha ou mesmo a peculiaridade de sua gente. Mas isto não significa que não me permita, de quando em vez, criar exceções. Por exemplo, o conto «O galheteiro de prata», selecionado em 2018 para uma antologia do Centro de Estudos Mário Cláudio, refere-se ao restaurante fictício Habacuc, situado numa cidade próxima ao rio Mondego (o que para mim será Coimbra, onde estudei), mas há qualquer coisa de açoriano no Porfírio, personagem principal...

Susana L. M. Antunes: Como definiria essa “qualquer coisa de açoriano” em Porfírio, do conto «O galheteiro de prata»?

Pedro Almeida Maia: Pouco confiante, preocupado, enigmático, agarrado ao passado. Claro que nunca generalizando, mas estes traços costumam estar presentes nos ilhéus.

Susana L. M. Antunes: Na sua opinião, o que poderá distinguir o “sentir ilhéu” de outros sentires geográficos?

Pedro Almeida Maia: A sensação de ilhéu carrega uma complexidade semelhante à da condição humana. Podemos ser ilhas no meio de uma multidão, sentirmo-nos isolados no maior dos continentes ou rodeados de frio quando no topo de uma montanha. Mesmo que abandonados no maior dos desertos, o conceito de oásis emerge, fazendo cumprir o nosso desígnio de unicidade.

Susana L. M. Antunes: Quer explicar esse “desígnio de unicidade” que refere?

Pedro Almeida Maia: Refiro-me à condição de “diferente” que o típico habitante das ilhas sente, à “singularidade” enquanto resultado de uma transformação tão significativa que resulta em algo indescritível com base nos conhecimentos atuais. Por esse motivo, os escritores que se dedicam ao tema da vida insular dedicam a vida à compreensão das metamorfoses ocorridas no indivíduo cercado por mar, a procurar o sentido da sua evolução, mas nunca chegamos a uma conclusão satisfatória, porque nós próprios mudamos durante aquela incumbência. No momento em que se define a ilha, ela esquiva-se para outra latitude.

Susana L. M. Antunes: Exatamente o que acontece, de certa forma, aos estudiosos da literatura de ilhas... consegue acompanhar a ilha em outras latitudes ou essa impossibilidade é permanente e, por si só, motivo para trabalho e emoções contínuas?

Pedro Almeida Maia: Julgo ser permanente: um trabalho que nunca tem fim. Quando muito, obtém-se uma conclusão insuficiente. Afirma-se que não há mais a dizer sobre a ilha, que já se leu, que já se teorizou, mas na verdade não se consegue colocar um ponto final.

Susana L. M. Antunes: Considera-se um autor açoriano? Como se vê no panorama literário açoriano?

Pedro Almeida Maia: Não sei bem se sou um autor açoriano ou um açoriano autor. Talvez seja um açoriano com o

desejo assumido de contar histórias. Neste panorama literário, vejo-me como alguém que ainda tem muito para aprender com os grandes, a começar pelo próprio ofício da escrita. Cada novo livro é uma oportunidade para melhorar.

Susana L. M. Antunes: A existência ou não de uma “literatura açoriana” tem produzido diferentes reflexões ao longo do tempo. Quer partilhar a sua opinião acerca desta ainda atual questão?

Pedro Almeida Maia: Sim, concordo que existe uma literatura açoriana, da mesma forma que outras literaturas se podem conotar com geografias específicas ou com a genealogia dos seus autores. Essa necessidade de nos rotularmos é perfeitamente natural e vem reforçar a busca incessante pelo autoconhecimento, essa força maior de definirmos o que fomos e o que queremos ser, como se utilizando uma voz coletiva nos conseguíssemos fazer ouvir mais longe.

Susana L. M. Antunes: A voz coletiva que refere é uma necessidade de quem também se sente ilhéu na e pela escrita? De que forma?

Pedro Almeida Maia: Sim, a assídua busca pela ilha defronte. É reconfortante saber que não estamos sós, de alguma maneira, e que a angústia da incompreensão acerca de nós mesmos é mutual. Os escritores que abordam estes temas não podem ser vistos como competidores, porque se complementam na diversidade das suas visões e contribuem para um quadro maior, melhor interpretado pelos leitores que os leem exatamente por se tratarem de uma voz coletiva.

Susana L. M. Antunes: Quais são os autores que o têm inspirado?

Pedro Almeida Maia: Para além dos que já aqui referi, devo sublinhar Manuel Ferreira, de quem fui vizinho e apreciei, ao longo de muitos anos, a postura impecável. Consumo uma quantidade considerável de literatura sobre os Açores, de autores conhecidos ou não, contemporâneos ou não. Também encontro inspiração em Hermann Hesse, Aldous Huxley, F. Scott Fitzgerald, Luis Sepúlveda e Mário de Carvalho, mas leio um pouco de tudo, incluindo poesia e não ficção. Também consumo revistas científicas e assisto a documentários.

Susana L. M. Antunes: Como acontece em si o livro visto como um processo criativo?

Pedro Almeida Maia: Considero a escrita de romance um processo dinâmico, com fases distintas e que respeitam uma determinada sequência. Começo por eleger o tema, que pode surgir no momento, sem aviso, ou a partir de uma lista de assuntos que mantenho atualizada. Durante a investigação, encontro-me com especialistas, consumo livros, jornais e revistas científicas, vejo documentários e filmes. Crio uma estrutura temporária da história, que me guiará até ao desfecho, embora sejam frequentes as alterações no enredo. O final tanto pode estar definido logo no início como para decidir mais tarde (às vezes no último momento), por isso mantenho a mente aberta ao longo do processo. Defino na agenda o tempo necessário para a produção do texto e tento respeitá-lo, o que se pode tornar hercúleo quando se tem uma profissão exigente e uma família.

Susana L. M. Antunes: E em termos de publicação?

Pedro Almeida Maia: Se ambicionarmos um resultado de qualidade, as restantes fases são igualmente demoradas e trabalhosas: registos, múltiplas revisões, edição, paginação, concepção gráfica, impressão e, finalmente, a distribuição e divulgação. A fase mais desafiante, para mim, é a definição do título, que pode ser bem-sucedida, logo no início, como arrastar-se até aos últimos dias.

Susana L. M. Antunes: *Capítulo 41: A redescoberta da Atlântida* (2013) é um romance que explora a Pré-história do arquipélago e a sua ligação à lendária Atlântida de Platão, integrando o Plano Regional de Leitura dos Açores. Tendo em conta o papel fundamental das escolas no que diz respeito à leitura, que sugestões daria aos professores para abordarem com os alunos, em primeira mão, os seus livros?

Pedro Almeida Maia: Este romance, além de incluir uma quantidade considerável de informação sobre a teoria da localização da Atlântida nos Açores (tema para uma aula de História), aborda também a possível passagem de outros povos pelo nosso arquipélago antes dos Descobrimentos Portugueses, o que continua a gerar uma interessante discussão na comunidade científica, em busca de evidências mais consensuais. Também tive oportunidade de assistir a uma analogia muito original numa aula de Físico-Química, em que o docente da Escola Básica Integrada da Maia (EBI-Maia) explicou o espectro de cores da luz solar baseando-se na técnica de navegação marítima que se fazia com a Pedra do Sol, no tempo dos vikings, usando o

Capítulo 41: A redescoberta da Atlântida como ponto de partida. Nos livros infantis que escrevi em coautoria com as psicólogas Célia Barreto Carvalho e Suzana Caldeira, *O primeiro dia de aulas* e *Os vencedores do medo* (este último também inserido no Plano Regional de Leitura), abordam-se estratégias para as crianças lidarem com as emoções.

Susana L. M. Antunes: Pensando em alunos do ensino secundário, que textos seus aconselharia para além de *Capítulo 41: A redescoberta da Atlântida*?

Pedro Almeida Maia: A base do enredo de *Bom tempo no canal...* diz respeito à energia geotérmica, o que poderia integrar uma aula de Ciências. Em *Nove estações*, as personagens percorrem os diferentes ilhéus de todas as nove ilhas, o que pode ser interessante para uma matéria de Geografia. Em *Ilha-América*, caracterizo a ilha de Santa Maria nos anos 60, nos seus tempos áureos, de centralidade, quando todos os voos transatlânticos paravam para escalas técnicas e deixavam novidades ainda antes de chegarem à Europa. O meu novo romance, *A escrava açoriana*, aborda as questões da escravatura branca açoriana que ocorreram nos finais do século XIX, outro tema interessante. Mas também noutros géneros posso sugerir temas: a crónica «Umbigo micalense» – da candidatura de Ponta Delgada à Capital Europeia da Cultura –, publicada na Revista #9 *Bairros*, aborda a questão da “sensação de arquipélago”, que eu defendo ser menos evidente na ilha de São Miguel por não avistarmos outras ilhas tão facilmente como nas ilhas do Grupo Central ou mesmo do Grupo Ocidental.

Susana L. M. Antunes: De entre a sua intensa atividade de escrita, também tem marcado presença nas escolas dos Açores. Num tempo em que ler um livro já não suscita o mesmo interesse que no seu tempo de aluno, que recetividade tem sentido por parte dos jovens relativamente à leitura? Ainda é importante o livro físico?

Pedro Almeida Maia: O livro físico continua a ser importante, diria até insubstituível. Não desaparecerá, pois o ser humano tende a acumular coisas, mas os dispositivos de leitura digital, incluindo os telemóveis e *tablets*, já conquistaram o seu espaço. Algumas crianças nasceram com eles e irão possivelmente testemunhar outras invenções que não conseguimos imaginar ainda, por isso a melhor resposta a esta questão depende muito do “quando”. Ler implica treino, daí a importância de se começar cedo e de se fomentar o hábito. É difícil concorrer com vídeos coloridos, fotografias glamorosas e outros conteúdos de fácil acesso nas redes sociais, mas a leitura traz benefícios muito maiores ao desenvolvimento cerebral. Se recorrermos à imagiologia, concluímos que o nosso cérebro está praticamente parado quando vemos um filme, mas ilumina-se na sua quase totalidade quando estamos a ler um livro. É essa a mensagem que tento passar quando visito escolas, ação que penso ser fundamental para incentivar os alunos de hoje à leitura, mas também à própria escrita. Costumo também falar do processo criativo.

Susana L. M. Antunes: De que forma aborda o processo criativo nas escolas?

Pedro Almeida Maia: Falando das minhas experiências e de episódios caricatos, como o facto de eu ter escolhido o título *Capítulo 41* devido a um erro de revisão do primeiro livro (a numeração salta exatamente no capítulo quadragésimo primeiro) e de como tentei fazer parecer que tinha sido propositado, o que normalmente dá origem a risadas na plateia. Mas, principalmente, partilhando imagens que inspiraram o processo de investigação: fotografias antigas, mapas, capas de livros, artigos de jornal e outros materiais.

Susana L. M. Antunes: Como referiu anteriormente, o seu processo criativo integra a investigação. Como conjuga criatividade e investigação? São duas atitudes que se complementam?

Pedro Almeida Maia: Na minha opinião, complementam-se com disciplina. A investigação fornece a base sobre a qual a criatividade pode funcionar, como se desenhássemos linhas no chão onde é permitido jogar esse “jogo”, mas não limitamos a altitude: esse espaço criativo permite-nos subir tanto quanto a criatividade desejar. Nalgumas circunstâncias, porém, a investigação não fornece toda a informação necessária ao desenrolar do enredo; nesses casos, a criatividade pode também preencher os espaços em branco.

Susana L. M. Antunes: Que conselhos daria aos jovens que gostariam de se lançar na aventura da escrita?

Pedro Almeida Maia: Que leiam muito e de diversos autores, que escrevam com amor e dedicação, que não tenham

medo de se darem a ler (de preferência a quem os critique honestamente), mas que não tenham pressa de publicar. A ideia de que um texto sai na perfeição, à primeira, é uma falácia. Eu diria que *o escultor passa mais tempo a polir do que a partir*.

Susana L. M. Antunes: O escritor também é um artesão...

Pedro Almeida Maia: O escritor passa o tempo a reescrever. São raras as frases que surgem na sua forma final, especialmente quando se deseja resumir um conceito complexo em poucas palavras. «A vida está longe de ser um voo em linha reta» tem sido uma das minhas frases mais citadas. Usei-a em *Ilha-América*, a tal história de uma viagem ilegal no vão da roda de um avião, mas inicialmente escrevi um parágrafo inteiro: explicava o porquê de os pilotos ajustarem várias vezes o rumo, de acordo com as instruções recebidas via rádio, e de como as nossas vidas também são muito diferentes dos planos que fazemos. Encurtar essa analogia foi um exercício exigente.

Susana L. M. Antunes: Referiu anteriormente que “o nosso cérebro está praticamente parado quando vemos um filme, mas ilumina-se [...] quando estamos a ler um livro” – uma ideia que, aparentemente, contraria os conceitos generalizados de filme ligado à imagem e ao movimento e de livro e leitura ligados a conceções mais estáticas. Como psicólogo, quer explicar esta aparente contradição no modo de atuar do nosso cérebro?

Pedro Almeida Maia: Exatamente por consistir em imagem em movimento, o filme apresenta o produto criativo já finalizado, deixando pouco espaço para o espetador contribuir com algum

tipo de cocriação. Está tudo definido: a paisagem, as cores, as roupas, os sons do ambiente... Por oposição, o livro, entregando apenas informação sugestiva, completa-se com a interpretação do leitor – com base nas suas experiências e subjetividade – que necessita de recorrer à imaginação para completar a imagem e atribuir-lhe movimento. É esse ato de complementaridade que ilumina o nosso cérebro durante a leitura.

Susana L. M. Antunes: Na qualidade de psicólogo e escritor, como definiria o papel desempenhado pela consciência individual e/ou coletiva na avaliação das nossas experiências e das nossas interações com os outros sujeitos num mundo perfeitamente automatizado?

Pedro Almeida Maia: O melhor exemplo que posso dar de uma visão pessoal integrada, de psicólogo e escritor, é do romance *A viagem de Juno*, que também integra o Plano Regional de Leitura dos Açores. Nessa viagem, descrevo um possível futuro, no ano de 2049, em que continuamos a ignorar as alterações climáticas e a querer mudar somente à beira do precipício, comportamento humano tão típico e infeliz. Uma das características dessa sociedade futurista é a comunicação com base em dispositivos transparentes (os diáfanos) e a sua utilização persistente, tendo a tecnologia avançado para a integração, significando que os aparelhos passam a fazer parte da nossa indumentária, embutidos nas nossas roupas e nos nossos corpos. O livro foi escrito antes desta crise pandémica, mas antevê (baseado no que já se lia em 2018) que o mundo seria assolado por várias pandemias. Curiosamente, coloca também os aviões em terra, impossibilitados de voar, e critica a impessoalidade

das relações virtuais e o distanciamento emocional que nós, seres originalmente sociais, ávidos por interagir, impingimos a nós mesmos, vezes e vezes sem conta, na maior contradição de sempre. Um dos significados dessa analogia é o de que passamos demasiado tempo a avaliar as nossas interações e esquecemo-nos de interagir.

Susana L. M. Antunes: Gostaria que desenvolvesse um pouco mais essa última ideia que refere a propósito de nos esquecermos de interagir, se tivermos em conta que essa é uma situação essencial e inerente à condição humana.

Pedro Almeida Maia: Os atuais dispositivos eletrónicos permitem acesso facilitado às redes sociais digitais. Isto significa que têm a capacidade de aproximar quem está longe (excelente para manter em contato familiares distantes), mas também de afastar quem está perto. Quantos de nós já não nos apercebemos de estarmos apartados, apesar de partilhando o mesmo espaço físico? Este fenómeno não é exclusivo do nosso tempo: dizia-se o mesmo aquando da aparição da rádio e da televisão; no entanto, a interação no mundo digital gera uma explosão de dopamina (o neurotransmissor do prazer) consideravelmente maior do que nos fenómenos anteriores. Se isso já era grave, os confinamentos causados pela pandemia ampliaram o problema: deixamos de ter tantos motivos interessantes para interagir com quem vivíamos, se comparássemos com o que acontecia no mundo digital. Passamos a esquecer que temos alguém ali mesmo, ao nosso lado.

Susana L. M. Antunes: Nos seus dez anos de vida literária, o que ainda falta fazer? Há novos projetos para breve?

Pedro Almeida Maia: Ainda há muito trabalho pela frente. Costumo dizer que nunca paro de escrever: mantenho quase sempre dois ou mais projetos a decorrer em simultâneo. Quando terminei *Capítulo 41: A redescoberta da Atlântida* (2013) e enquanto o texto estava com a editora para revisão, escrevi e terminei *Nove estações* (2014). Atualmente estou a regressar à música, emprestando poemas para serem musicados por alguns artistas. Tenho feito contribuições para revistas literárias, do ensaio à crónica, mas tenho avançado sobretudo no conto, reunindo material suficiente para um livro de apenas contos que aguarda para ser editado.

Susana L. M. Antunes: *Nove estações*, nove ilhas dos Açores?

Pedro Almeida Maia: Foi um texto especificamente escrito para participar num concurso de jovens criadores. Acabou por ser selecionado, integrou a Mostra LabJovem 2014 e colocou-me num avião, rumo à LX Factory, em Lisboa. É a história de uma canadense que perde uma pessoa próxima e regressa aos Açores com um poema no bolso, em busca de um tesouro. Podemos referir-nos às nove estações como as nove ilhas, mas também como nove paragens de uma viagem interior que esta personagem, Desirée, decide empreender. Também faço uma reapreciação da típica expressão das “quatro estações num dia” que se fazem sentir no arquipélago, afirmando que são “nove estações todo o ano”.

Susana L. M. Antunes: E acerca do novo livro que já mencionou sobre a escravatura branca açoriana?

Pedro Almeida Maia: Está pronto para sair em Lisboa, pela Cultura Editora, iniciando um novo ciclo: *A escrava açoriana*,⁹ romance que conta com uma protagonista feminina. Apesar de fictícia, Rosário transporta o leitor aos finais do século XIX para testemunhar uma realidade difícil, mas infelizmente verdadeira, que se vivia no contexto migratório entre as Ilhas Adjacentes¹⁰ e o Império do Brasil. Não é uma história verdadeira, mas podia ser, pois baseia-se em relatos reais de um tempo que pertencia quase exclusivamente aos homens. É um retrato da coragem feminina.

Susana L. M. Antunes: Certamente que para muitos leitores *A escrava açoriana* lembrará a *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1825-1884), publicada em 1875. Passados 147 anos da publicação da obra de Bernardo Guimarães, quem é *A escrava açoriana*...?

Pedro Almeida Maia: Não recorri ao clássico de Guimarães, apesar de o enredo estar presente na nossa memória, principalmente de quem assistiu às suas inúmeras representações. As histórias podem até cruzar-se temporalmente, mas o conceito difere e as personagens têm motivações muito diferentes para fazermos um paralelismo. Isaura mantém a sua postura de alta sociedade e é uma escrava dentro do próprio país, enquanto Rosário vem de uma classe notoriamente baixa e entra no Brasil como uma estrangeira. Os acontecimentos aos quais a açoriana terá de se sujeitar mais tarde também a diferenciam, com um foco considerável na sua açorianidade.

⁹ Publicado em junho de 2022.

¹⁰ Ilhas Adjacentes foi a designação constitucional dadas aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira entre 1822 e 1975. A designação baseava-se na sua adjacência ao território europeu de Portugal e visava distinguir aqueles territórios das dependências ultramarinas, permitindo a adoção de soluções legislativas específicas face às restantes parcelas do território sob soberania portuguesa.

Susana L. M. Antunes: Afirma que *A escrava açoriana* inicia um novo ciclo. Quer partilhar algumas ideias acerca desse novo ciclo?

Pedro Almeida Maia: Representa um novo ciclo, porque possibilitará chegar a um maior número de leitores. Conseguirei estar presente na distribuição nacional e, de alguma maneira, espalhar a mensagem da singularidade açoriana com maior alcance. Permitir-me-á igualmente encarar a vida literária como uma atividade profissional, a par com a psicologia, e englobá-la nos meus afazeres não somente como um passatempo. Acima de tudo, trará novos desafios, novos métodos de trabalho, novas pessoas do mundo literário e, com isso, a possibilidade de continuar a evoluir como escritor e como pessoa.

Bibliografia de Pedro Almeida Maia

Livros:

A escrava açoriana: a irreverência de uma mulher em tempos de incerteza. Lisboa: Cultura Editora, 2022.

Ilha-América. 2. ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2021.

Ilha-América. 1. ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2020.

A viagem de Juno. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2019.

A escalada de um manco. Lisboa: E-Manuscrito, 2017.

Nove estações. Califórnia: Amazon, 2014.

Capítulo 41: A redescoberta da Atlântida. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2013.

Bom tempo no canal: a conspiração da energia. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2012.

Outras publicações:

“Nave-mãe”. In: TEIXEIRA, A.; SOUSA, S. F.; TEVES, V. (coord.). **A (im)possibilidade de uma ilha**. Ponta Delgada: Direção Regional da Cultura, Museu Carlos Machado, 2022. p. 108-109.

“Umbigo micaelense”. In: SODRÉ, M.; LEAL, S. (coord.). **Revista #9 Bairros**. Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada, p. 21-23, 2022.

“O treinador de pombos”. In: FRIAS, M. H. (coord.). **Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada III**, Ponta Delgada: Artes e Letras Editora, 2022. p. 133-140.

“A pose”. In: EFE, J. (coord.). **Sorrisos de pedra: 31 variações sobre desenhos de Judy Rodrigues**. Viseu: Seda Publicações, 2021. p. 116-120.

“Aura das Dores”. In: MARQUES, T. M.; FINA, R. M. (coord.). **Os dias da peste**. Lisboa: Gradiva, 2021. p. 490-494.

“O templo de Ganferton”. In: **Vício velho**. Revista on-line, s.a. 2020. Disponível em <https://viciovelho.com/2020/10/11/9710>.

“O abraço do Priolo”. In: **Enfermaria 6**. Revista on-line, s.a. 2020. Disponível em <https://www.enfermaria6.com/blog/2020/6/26/o-abrao-do-priolo>.

“O parto da saudade”. In: SANTOS, N. C.; OURIQUE, D. (coord.). **Grotta – Arquipélago de Escritores**, Ponta Delgada, v.4, p.24-29, 2020.

“A olaria da esquina”. In: **Este ano desembrulha o espírito de natal**. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2019. p. 5.

CARVALHO, C. B.; CALDEIRA, S. N.; MAIA, P. A.; CORREIA, A. **Os vencedores do medo**. Lisboa: Minotauro, 2017.

“Batéis de lava”. In: **Jornal Açoriano oriental**. Edição comemorativa do 180º aniversário de Ponta Delgada: Ponta Delgada, 2015. p. 5.

CARVALHO, C. B.; CALDEIRA, S. N.; MAIA, P. A.; CORREIA, A. **O primeiro dia de aulas**. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2014.

CARVALHO, C. B.; CALDEIRA, S. N.; MAIA, P. A.; CORREIA, A. **Os vencedores do medo**. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2014.

Recebido em: 20/05/2022 // Aceito em 20/10/2022.